



PONENCIA REALIZADA PARA EL 6TO ENCUENTRO DE LA CANCIÓN INFANTIL LATINOAMERICANA Y CARIBEÑA – BRASIL, 2003.

## **DIREÇÃO CÊNICA DE ESPETÁCULOS MUSICAIS PARA CRIANÇAS - A EXPERIÊNCIA DO RODAPIÃO**

Miguel Queiroz e Eugenio Tadeu

Antes de falar um pouco sobre a experiência do Rodapião com a produção de espetáculos cênico-musicais para o público infantil, gostaríamos de deixar claro que as idéias que vamos expor não têm a pretensão de ser o único caminho, ou o caminho mais adequado, ou o melhor, ou o mais interessante. Estaremos simplesmente expondo a nossa trajetória, que está irremediavelmente ligada à nossa história de vida – como músicos e seres humanos sempre ocupados com os porquês e praquês que a existência nos coloca, queiramos ou não. Principalmente em se tratando de arte – atividade intrinsecamente ligada à imaginação - precisamos ter sempre em vista a infinita gama de possibilidades, de caminhos que constantemente se abrem em direções diversas – todas válidas, se forem autênticas, sinceras, fruto de questionamentos verdadeiros.

A preocupação com o trabalho cênico sempre esteve presente nos espetáculos do Rodapião, desde o seu surgimento em 1992. Criado por alunos e professores da Fundação de Educação Artística, instituição que sempre se destacou na divulgação e pesquisa da música contemporânea, o Rodapião sofreu essa influência desde o início. Daí a preocupação com a pesquisa de novas fontes sonoras e também com a questão cênica. Uma tendência importante na linguagem musical do século XX para cá tem sido o entrelaçamento das várias formas de expressão artística – daí a grande força da música associada à cena, ao vídeo, à literatura e às artes visuais em geral.

Além disso, vivemos hoje num mundo em que a comunicação visual ocupa um espaço cada vez maior. Todos nós, e particularmente as crianças, somos bombardeados com uma grande quantidade de informação predominantemente visual – TV, cinema, computadores, outdoors, etc. Numa disputa acirrada para chegar aos consumidores, a mídia vem se utilizando de forma crescente de métodos inescrupulosamente apelativos. A criança, lamentavelmente, se encontra cada vez mais exposta a esse lixo cultural, com direito a pornografia e produções artísticas de nível duvidoso. Sabemos que a criança representa uma importantíssima fatia de mercado – são grandes consumidores no presente e serão os adultos e pais consumidores num futuro próximo. As obras dirigidas ao público infantil, como não poderia deixar de ser, são criadas no bojo de todo esse processo. Um denominador comum a essas produções de cunho predominantemente comercial é uma espécie de “bobalização” da criança, que são tratadas como seres inferiores, incapazes de um mínimo de discernimento. Ao mesmo tempo, há também uma “adultização” perversa da infância. Já que a criança é vista apenas como um consumidor, ela precisa se transformar desde logo em um adulto em miniatura e já ir se acostumando a consumir produtos culturais de péssima qualidade.

O caminho do Rodapião é uma tentativa de remar contra essa corrente. Em termos musicais buscamos a delicadeza, a simplicidade e as nuances de timbres inusitados. Acreditamos que a surpresa e o estranhamento causados por sons ainda não banalizados e gastos pelo uso excessivo e repetitivo são capazes de apurar a sensibilidade das crianças, sempre tão abertas e receptivas.

O trabalho cênico também acontece nesse sentido – é um aliado do ouvido – deve ajudar a estabelecer uma conexão com o som, criando uma nova relação que não se baseie na excitação, no excesso de sons em meio a movimento frenéticos e apelativos. Buscamos a clareza, o sentido, o detalhe, a sutileza dos pequenos movimentos, o contraste entre variação e repetição. Cena e música devem estar entrelaçados.



Outra preocupação em nosso trabalho cênico é a busca de movimentos que, do nosso ponto de vista, tenham relação com o universo infantil, permitindo que a criança estabeleça conexões entre sua experiência pessoal e o que está se passando em cena.

Por fim, seria interessante falar um pouco do que entendemos por “universo infantil”. Acreditamos que esse “universo” de que sempre estamos falando não está separado do resto do mundo. A infância é crucial na vida do ser humano – deixa marcas e influencia muito a história de vida de todos nós. Não é um período só de alegria e prazer, sem preocupações ou conflitos. Pelo contrário, é uma época de efervescência, em que as dores do crescimento, o processo de auto-conhecimento e o questionamento do mundo e das relações nos deixam cheios de dúvidas e conflitos. Por ser uma etapa da nossa vida, a infância não é eterna. Ela passa e precisa passar. Ela faz parte do nosso processo de emancipação. Dela devemos conservar o amor pela vida, a capacidade de se maravilhar com o mundo e ao mesmo tempo estranhá-lo - de questionar, de olhar para dentro de nós mesmos.